

POLIFONIA	CUIABÁ	EdUFMT	nº 04	p. 15-44	2002	ISSN 0104-687X
-----------	--------	--------	-------	----------	------	----------------

Fonologia e Fonologia CV do Português Mato-Grossense

Ulisdete Rodrigues de Souza (UFMT)

ABSTRACT: The peculiarity of the Mato-grossense Portuguese (PMB)¹⁷ Phonology is due to the way it organizes some Brazilian Portuguese (PB) sounds and syllables. In this article, the PMB general phonology, vocalic and consonantal phonemes will be described in relation to PB. Although, the main objective of this work is to analyse PMB phonological simplification process in the perspective of CV Phonology, one model from Non-Linear Phonologic Theory.

KEY WORDS: Mato-grossense Portuguese Phonology, CV Phonology

1. Da teoria silábica à fonologia CV

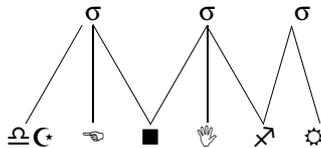
Na história da fonologia moderna, há duas tendências no estudo da sílaba: o *Modelo da Sonância* e o *Modelo dos Constituintes*. O primeiro, antecipado por Jespersen e Saussure, iniciou-se de fato com Bloomfield (1933). Partindo de sons altos e baixos da cadeia da fala, ele conseguiu segmentá-la de forma que picos de sonância corresponderiam às vogais, e os vales, às consoantes. Esse modelo é considerado uma mera continuação da tradição fonética.

¹⁷ Este artigo baseia-se na dissertação de mestrado “Fonologia do Português Mato-Grossense: uma perspectiva criolística” (Souza, 1999). A sigla PMB refere-se ao Português Mato-Grossense Basileto. O termo ‘basileto’, comumente usado no estudo das línguas crioulas e pidgins- línguas surgidas em situação de contato entre povos de línguas diferentes-, diz respeito a línguas ou variedades mais antigas de uma língua. No caso do português mato-grossense, refere-se à variedade tradicional dos falantes mais idosos da comunidade.

O modelo dos constituintes foi iniciado por Pike e Pike (1947) e Kurylowicz (1948), e logrou maior êxito que o anterior. Na realidade, há complementaridade entre esse modelo e o modelo da sonância, dado que só é atribuído um constituinte ao nó V se ele for sonante, de natureza vocálica, ao passo que só é atribuído um constituinte ao nó C se este for menos sonante, de natureza consonantal.

Apesar da relevância da sílaba para os estudos fonológicos, a fonologia gerativa do SPE (Sound Pattern of English, Chomsky & Halle) aboliu a sílaba, em sua primeira fase. Entretanto, a tese de doutorado de Kahn (1976) denominada *Syllable-based Generalizations in English Phonology* reintroduziu o nível silábico no componente fonológico da gramática.

Kahn (1976) propôs que a noção de representação fonológica, que aparecia em trabalhos como o de Chomsky e Halle (1968), fosse ampliada por meio da introdução de uma nova camada de representação, ou seja, além da camada segmental, deveria também haver uma camada silábica:



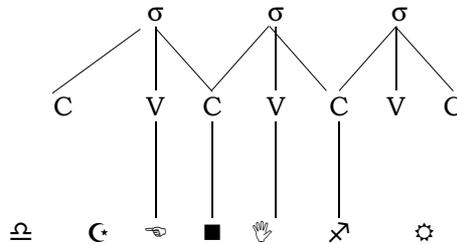
(Clements e Keyser, 1983: 3).

Na nova representação proposta por Kahn (1976), o símbolo σ representa o *nó sílaba*. Esse nó é ligado ao segmento, isto é, coluna de matrizes de traços, por linhas de associação do tipo proposto na fonologia auto-segmental. Cada sequência máxima de segmentos dominada por um só nó σ constitui uma sílaba. Em 1983, esse modelo foi reformulado por Clements e Keyser, que propuseram um novo modelo para a fonologia silábica, a fonologia CV.

Baseados no modelo de Kahn (1976), Clements e Keyser (1983) introduziram uma terceira camada na representação silábica: uma camada intermediária entre a camada da sílaba e a

camada segmental, que eles chamaram de CV. Essa camada foi também chamada de *esqueleto* ou de *camada cronemática (timing tier)*.

O novo modelo passou a ter uma representação em três camadas: 1) o *tier*, que consiste de um só elemento σ ; 2) a *camada CV*, que consiste de dois elementos -C e V- e 3) a *camada segmental*, que consiste de uma coluna de matrizes fonéticas caracterizando consoantes e vogais no modo usual. As ramificações de um para outro elemento se dão através de *linhas de associação*. Desse modo, a representação de *Jennifer* poderia ser a seguinte:



(Clements e Keyser, 1983: 8).

Clements e Keyser (1983) postulam que a ligação entre auto-segmentos de camadas adjacentes pode ser de *um para muitos*, como na primeira sílaba, ou *de muitos para um*, como na última sílaba. Além disso, determinados elementos podem ser ambissilábicos, como /n/ e /f/, por estarem ligados a dois nódulos. Ainda não há ainda o reconhecimento de uma estrutura hierárquica dentro da sílaba. Os elementos da camada CV podem ser distintos entre *picos de sílaba* e *não-picos de sílaba*. Qualquer segmento dominado por V é interpretado como pico de sílaba, enquanto segmentos dominados por C constituem o não-pico da sílaba.

Pela teoria em questão, a camada CV não é somente ou primariamente um constituinte da análise fonológica, mas serve para distinguir posições dentro da sílaba na representação fonológica. As categorias básicas dessa camada são sílaba e núcleo. O *núcleo* é a categoria determinante na organização

fonológica da sílaba. Ele é definido em termos de *sílabas leves* e *sílabas pesadas*.

Para Clements e Keyser (1983: 27), as estruturas silábicas encontradas na representação superficial são semelhantes ou idênticas àquelas encontradas na representação subjacente. Eles argumentam que as palavras são silabificadas no nível da representação lexical e que as árvores silábicas não são construídas no curso das derivações fonológicas, mas já estão presentes, completamente formadas, nas representações lexicais que constituem o *input* para o componente fonológico. Desse modo, é natural existir um conjunto primário de tipos silábicos:

- a. CV
- b. V
- c. CVC
- d. VC

(Clements e Keyser, 1983: 28).

Nesse conjunto, os tipos de sílabas não são iguais em *status*. Enquanto o tipo silábico CV pertence à gramática de todas as línguas, os outros três tipos alternam ou não existem em muitas delas. Abaixo podem ser vistos os parâmetros básicos que determinam as operações de estruturação silábica nas línguas do mundo, a partir da forma canônica CV:

- a. apagar C inicial
- b. inserir C final

(Clements e Keyser, 1983: 28).

As línguas escolhem um ou outro parâmetro dado para construir ou aumentar o seu inventário. Podem também adotar os dois, ou até nenhum deles. Com base nesses parâmetros, pode-se ter os possíveis tipos estruturais de língua:

- Tipo I: CV
- Tipo II: CV, V
- Tipo III: CV, CVC
- Tipo IV: CV, V, CVC, VC

(Clements e Keyser, 1983: 29).

Línguas do tipo I têm apenas a sílaba canônica CV. Nelas não atuam nem a regra de estruturação (a) nem (b). Esse é

o caso do senufo. As línguas do tipo II envolvem somente a regra (a), como é o caso do maori. Línguas do tipo III envolvem apenas a regra (b). O klammath é um bom exemplo desse tipo de língua. Já línguas do tipo IV, como o português, por exemplo, envolvem tanto (a) quanto (b). Algumas línguas, no entanto, adotam parâmetros adicionais, que vão desde incluir sequências de elementos V consecutivos até outras operações mais complicadas que podem ser observadas com profundidade em Clements e Keyser (1983: 30-56).

Em linhas gerais, nem o modelo de Kahn (1976) nem o modelo ampliado de Clements e Keyser (1983) reconhece a estrutura interna da sílaba. Por isso, alguns autores passaram a propor, concomitantemente, um modelo mais elaborado, que fosse capaz de explicitar o fato de a sílaba possuir estrutura interna. Entre eles, estão autores como Selkirk (1982) e Goldsmith (1990).

Para Goldsmith (1990: 108), a sílaba é um constituinte fonológico composto de uma vogal precedida e/ou seguida de zero ou mais consoantes, que apresenta estrutura hierárquica organizada na camada esquelética. Diferentemente do *active*, elemento inicial opcional na sílaba, o *núcleo* é um membro obrigatório da unidade. Ele contrasta com um elemento também opcional, que é a *coda*. Essa é uma espécie de 'irmã' ou 'satélite' para o núcleo. Núcleo e coda formam juntos uma unidade chamada *rima*. Nela, a vogal é o elemento nuclear e, conseqüentemente, de toda a sílaba, sendo a coda marginal, secundária.

Por esse modelo, a representação da estrutura interna da sílaba é esta:



(Goldsmith, 1990: 109).

Embora reconheça a estrutura interna da sílaba, esse modelo ainda não admite estrutura interna para cada um de seus constituintes. Gradativamente é que foi sendo admitido o fato de alguns elementos do ataque e da rima terem função nuclear, enquanto outros ocupavam uma posição periférica. Daí passou-se a representar o elemento nuclear (*head*) dominado verticalmente por um nó e os elementos dependentes (*complements*), dominados obliquamente por cada nó.

Foi tal o refinamento da teoria, que possibilitou a explicação das relações internas complexas da sílaba, confirmando o fato de o aclive, o núcleo e a coda também possuírem uma estrutura interna, o que poderá ser observado na análise de alguns processos simplificadores atuantes na Fonologia CV do PMB.

2. Português brasileiro em geral

A fonologia do português será descrita, aqui, em termos da língua em geral e, não, da dicotomia padrão e não-padrão, para que se realize uma exposição fonológica básica sem incorrer em questões mais complexas. A descrição das vogais, consoantes e semivogais do português, será baseada no trabalho de Couto

(1996) sobre fonologia em geral e fonologia do português brasileiro, em particular.

As vogais do português em geral podem ser divididas em vogais orais e vogais nasais, como se vê em (1). Em termos de traços, a descrição dessas vogais pode ser feita como em (2).

(1)	Vogais orais	Vogais nasais

- (2) [a]= central +baixa; [e]= anterior + média + aberta; [ɰ]= posterior + média + aberta; [ɰ]= anterior + média + fechada; [ɰ]= posterior + média + fechada; [i]= anterior + alta; [ɰ]= posterior + alta. [a[Ⓢ]]= central + baixa + nasal; [e[Ⓢ]]= anterior + média + fechada + nasal; [o[Ⓢ]]= posterior + média + fechada + nasal; [i[Ⓢ]]= anterior + alta + nasal; [u[Ⓢ]]= posterior + alta + nasal.

(Couto, 1996: 63).

Na fonologia do português, diferentemente das vogais orais, as vogais nasais apresentam certa complicação. A existência de vogais nasais e vogais nasalizadas no português é quase consenso entre os estudiosos. Porém, algumas questões precisam ser esclarecidas. Foneticamente, ambas as vogais são consideradas nasais, mas somente as nasais constituem fonemas nasais distintos dos fonemas orais correspondentes. Por exemplo, o [ã] de ['kãma] 'cama' é tão nasal quanto o [ã] de ['kãta] 'canta'. Em ['kãma], a vogal é nasalizada automaticamente pela consoante nasal seguinte /m/. Em ['kãta], não há nenhum fonema nasal que

condicione a nasalidade da vogal. Ela vogal é, portanto, intrinsecamente nasal.

Em outras palavras, vogais nasais são nasais sem que nenhum elemento contextual condicione a sua nasalidade. Vogais nasalizadas são nasalizadas porque dependem de uma consoante nasal que confira a ela o traço da nasalidade, como indica a regra de (3).

$$(3) \quad V \longrightarrow V^{\textcircled{1}} / c^{\textcircled{1}} \quad (\text{Couto, 1996: 72})$$

A regra mostrada em (3) é natural nas línguas do mundo. Ela diz que uma vogal oral sempre se transforma em vogal nasal diante de consoante nasal. A nasalidade de uma vogal estaria, então, nesse caso, condicionada ao contexto de proximidade com uma consoante nasal. Em algumas regiões do Sul do Brasil, entretanto, há uma restrição à aplicação dessa regra nos seguintes termos: vogal só fica nasal, quando seguida de consoante nasal, se essa vogal for tônica.

A primeira vogal da palavra ‘cama’ [‘kâma], em algumas regiões do sul e sudeste do Brasil, não é propriamente nasal. Na realidade, ela é elevada [ɥ]. Nesse caso, a vogal perdeu a nasalidade e manteve apenas a elevação. Essa elevação da vogal é percebida como tendo o mesmo valor que a vogal elevada nasalizada [ɥ[̃]]. Para os falantes, o efeito acústico é o mesmo.

A interpretação fonológica das vogais nasais como fonemas distintos dos orais, ou não, é ainda questão controversa não apenas no português. Ela se estende para outras línguas do mundo. Teoricamente, essa discussão remonta ao início do estruturalismo. Autores como Head (apud Couto: 73) defendem a existência de fonemas vocálicos nasais. Para ele, afirmar o contrário é ir contra os dados, é ser anti-científico. Em contrapartida, Hall (apud Couto: 74) afirma que a nasalidade é um fonema independente e que as vogais nasais devem ser interpretadas como a seqüência de fonemas /aN/. Para esse autor, a vogal propriamente dita é oral fonologicamente. Em outros termos, não há fonemas vocálicos nasais.

A fonologia gerativa manteve a controvérsia. Aliás, a discussão no seio dessa teoria, mais que polêmica, parece contraditória, uma vez que a fonologia gerativa padrão, compendiada em Chomsky e Halle (1968), havia abolido o fonema. A despeito disso, a maioria dos gerativistas sempre pareceu mais favorável à inexistência do que à existência de fonemas vocálicos nasais. Na análise gerativa de Vandresen (1975), por exemplo, a derivação de uma palavra como /sã/, a partir da estrutura subjacente /sana/, é aproximadamente a que se vê em (4).

- (4) 1./sana/- estrutura subjacente (nível morfofonêmico)
2.sana - aplicação da regra de nasalização
3.sãa - queda do [n] após a nasalização da vogal
4.sã - fusão das duas vogais (nível fonético)

(Couto, 1996: 74).

Em (4) vê-se que a nasalidade final em /sã/ surge quando a palavra já está no nível fonético, tendo já passado pelas regras morfológicas e fonológicas. A fonologia gerativa considera, então, que não se deve levar em conta essa nasalidade distintiva aparente. Ela é apenas um fenômeno fonético.

Retornando ao estruturalismo, Couto (1996: 75) afirma que é mais sensato interpretar as vogais nasais como fonemas autônomos independentemente dos fonemas orais correspondentes. Ele observa que em (4), após o [ã] de [sã] 'sã', o falante parece 'sentir' que não há mais nada, embora em um nível abstrato possa haver um elemento fonológico nasal de natureza consonantal, e conclui:

Portanto, quando alguém perguntar se há vogais nasais fonológicas em português, a resposta é: 'Depende'. Depende do quadro teórico de que se parta para analisá-las: para a maioria dos estruturalistas, sim; para a fonologia gerativa, coerentemente, não.

O sistema fonológico das consoantes do português é maior e mais complexo que o sistema vocálico. Ele é constituído por dezenove consoantes, como mostrado no quadro (5).

(5)

□		◆		⌘
∂		⊖		⊗
	↗	◆	●	⊗
	⊗	⌘	⊖	
		⊗		
		●		
○		■	◆	
			↘	

As questões que se apresentam em relação às consoantes do português são mais de natureza fonética que fonológica, a começar pela restrição distribucional. Em início de palavra, os fonemas /◆/, /↘/ e /⊗/ não ocorrem. Em final de palavra, a maioria das consoantes não ocorre. Apenas os fonemas /s/, /n/ e /⊗/ figuram nessa posição. Restrições como essas são comuns em todas as línguas.

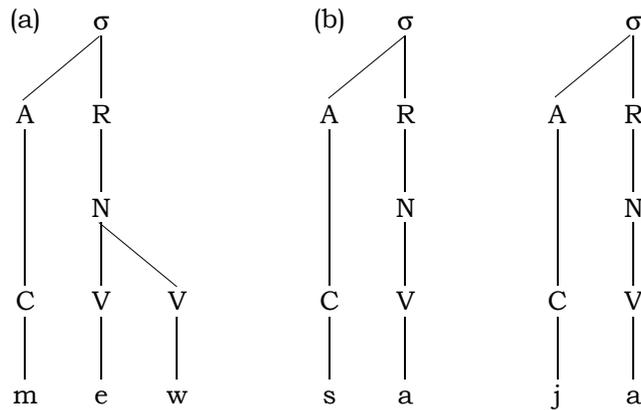
No português em geral é comum os fonemas /t/ e /d/ sofrerem alofonia contextual, realizando-se como ⊖◆◆⌘ e ⊖⊖⊖, respectivamente. Essa alofonia é condicionada pela seqüência ou precedência da vogal alta /i/. Assim, tem-se [◆◆ia] para ‘tia’ e [⊖⊖ia] para ‘dia’ e, em alguns estados do nordeste, [di’⊗ej◆◆u] para ‘direito’ e [⊖⌘ert⊖u] para ‘jeito’. Portanto, ⊖◆◆⌘ e ⊖⊖⊖ são alofones combinatórios dos fonemas /t/ e /d/ no português em geral.

No caso das vibrantes, a questão é um pouco mais complicada. A oposição entre a vibrante simples /r/ e a vibrante múltipla /r↘/, no meio de palavras, é mantida, como em [‘koru] ‘coro’ e [‘kor↘u] ‘corro’. No início e no final de palavras, entretanto, essa distinção se desfaz, isto é, se neutraliza, sendo representada por [R]. Nesse caso, a distinção vibrante simples/vibrante múltipla deixa de ser significativa em tais posições, uma vez que o sentido da palavra permanece invariável, como em [rej] ou [r↘ej] e [a’mor] ou [a’mor↘].

A oposição das fricativas /s/ e /z/ vai na mesma direção das vibrantes. No início de palavras, como em [ˈsiŋku] ‘cinco’ e [ˈziŋku] ‘zinco’, e no meio de palavras, como em [ˈkasa] ‘caça’ ou ‘cassa’ e [ˈkaza] ‘casa’, vigora a oposição entre ambas. Mas, no final de palavras, o que ocorre é o arquifonema [S]. Nessa posição, portanto, está neutralizada a distinção entre /s/ e /z/ no português em geral.

As semivogais do português, /j/ e /w/, tem sua natureza modificada, de acordo com a posição ocupada na palavra, como pode-se observar em (6a) e (6b)

(6)



Em posição pós-vocálica, como em [mew] ‘meu’ (6a), a semivogal tem valor vocálico. Dominada por um nó V, ela é o segundo elemento do núcleo. Na posição pré-vocálica, como em [ˈsaja] ‘saia’ (6b), a semivogal tem valor consonantal. Ela ocupa o lugar ótimo de consoante que é antes da vogal. É dominada por um nó C, constituindo o aclave silábico. Por isso, além de semivogais, /j/ e /w/ também poderiam ser chamados de semiconsoantes, como postula a gramática tradicional.

Na posição pós-vocálica, a semivogal constitui um ditongo decrescente com a vogal da sílaba. Na posição pré-vocálica, constitui uma sílaba CV. Baseado nisso, pode-se afirmar

que não há ditongo crescente em português. O que se tem é apenas uma sílaba CV e não um ditongo, que é caracterizado por uma sílaba VV. Nesse caso, então, apenas o ditongo decrescente seria ditongo no sentido próprio da palavra (Couto, 1997).

A fonologia do português brasileiro em geral possui muitos outros aspectos a serem observados, no entanto, nesta seção que se encerra, pretendeu-se dar apenas uma visão geral da língua, que será referência para o estudo da fonologia do português mato-grossense a seguir.

3. Fonologia do português mato-grossense

O sistema fonológico das vogais do português mato-grossense (PMB) é o mesmo do português em geral, como se vê no triângulo das vogais orais e no triângulo das vogais nasais descritos em (1).

(1)

Vogais orais	Vogais nasais

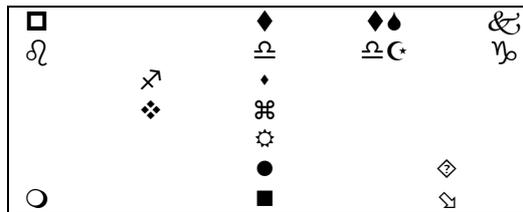
As vogais orais do PMB diferem do português brasileiro em geral, apenas no que diz respeito à posição ocupada por elas nas palavras. Na posição inicial e medial, ocorrem, nessa variedade, todas as vogais descritas em (1). Na posição final, normalmente, figuram a vogal central /a/ e as médias anteriores e posteriores /e, e^{h} / e /o, o^{h} /. As vogais altas /i, u/, tem uso restrito em tal posição.

Com relação às vogais nasais e/ou nasalizadas, a problemática centra-se na vogal central /a/. No PMB, ela que não pode ser considerada nasal tampouco nasalizada. Não é nasal,

porque não assimila a nasalidade na estrutura subjacente. Não é nasalizada, porque não assimila a nasalidade pelo contexto de proximidade com uma consoante (cf. Souza, 1999: 113-117). Excetuando-se esta questão da vogal central baixa, o quadro vocálico do PMB é o mesmo do PB.

Assim como no português brasileiro em geral, o sistema fonológico das consoantes do PMB é mais complexo que o sistema vocálico. Enquanto o português em geral tem um sistema consonantal composto por dezenove consoantes, essa variedade apresenta um sistema constituído de apenas dezoito. É o que pode-se ver em (2).

(2)



O sistema fonológico consonantal do português mato-grossense tem o acréscimo de /t[♦]/ e de /d^G/ como fonemas. Em contrapartida, as fricativas palatais /[♦]/, /^G/ e a fricativa velar /x/ não figuram nele. Após o quadro ilustrativo de (3), que mostra a realização das consoantes do PMB em todas as posições dentro das palavras, serão tecidos comentários sobre essas alterações.

(3)

Fonema	Pos. inicial	Pos. medial	Pos.
/p/	[pa ^l ito]	[[◊] a ^o poza]	-
/b/	[bu ^l it [♦] o]	[ka ^o basa]	-
/t/	[^t ōto]	[ka ^o tisa]	-
/d/	[di ^o di ^o o]	[^ʔ [♦] kada]	-
/k/	[k ^o li ^o dade]	[pe ^o ke ^o no]	-

/g/	[ga'◊o]	[gaʒ'go◊a]	-
/f/	['favo]	[a'ufa]	-
/v/	[vaw]	['a vida]	-
/s/	[se'me◊te]	[ma'sa]	-
/z/	['zeb◊a]	[a'zedo]	-
/t♣/	['t♣afa◊i♣]	[ka't♣asa]	-
/d♣/	['d♣ane◊o]	['od♣e]	-
/m/	['minti]	[ma'maj]	-
/n/	[ne'ne]	['pano]	-
/◊/	-	[a'pa◊a]	-
/◊/	[◊a'pa♣]	['ko◊o♣]	-
/l/	['lado]	[ka'lado]	-
/◊/	-	[pa'◊aso]	-

As consoantes do PMB apresentam quase a mesma restrição distribucional do português em geral. Em início de palavra, ocorrem quase todas elas. As únicas exceções são os fonemas /◊/ e /◊/. Diferentemente do português em geral, o fonema /◊/ também ocupa essa posição na variedade mato-grossense. No final de palavras, as consoantes dificilmente ocorrem no PMB, até mesmo /◊/, /s/, /n/ ou /l/. Na variedade mato-grossense, esses fonemas caem da estrutura silábica, como ocorre em quase todas as variedades do português. Apenas o alofone /♣/ para /s/ ocorre em tal posição, como se verá adiante.

As africadas /t♣/ e /d♣/ gozam do *status* de fonema no PMB, mediante uma regra livre de contexto, ao invés da simples condição de alofones de /♣/ e /♣/. Essa ocorrência parece dever-se ao fato de esses segmentos serem fonemas no português europeu arcaico, em muitas línguas crioulas e em algumas línguas indígenas faladas no Brasil (cf. Souza, 1999: 146-162).

No português em geral, as africadas /t♣/ e /d♣/ são consideradas alofones contextuais de /t/ e /d/, condicionados pela precedência ou seqüência da vogal alta /i/. No PMB, elas passaram a ocupar o lugar lingüístico das fricativas /♣/ e /♣/, respectivamente. Quanto aos fonemas /t/ e /d/, estes não

apresentam alofonia contextual na variedade mato-grossense, tal qual em algumas regiões do nordeste. Nesse caso, a diferença está no sotaque de uma e outra região.

Na variedade mato-grossense, as fricativas palatais /ʃ/ e /ç/ passaram a existir simplesmente como alofones respectivos de /s/ e /z/. A fricativa palatal surda /ʃ/ é sempre alofone de /s/ e /z/ em posição de coda da sílaba, como em [de'maʃ] 'demais' e /a'roʃ/ 'arroz'. Na posição de aclave, o alofone [ʃ] ocorre condicionado pela presença da vibrante retroflexa /ʁ/, como em [kõvʁʃa] 'conversa'.

Quanto à fricativa palatal sonora /ç/, esta é quase sempre alofone de /z/ em posição de aclave silábico, como em [va'çio] 'vazio'. Essa alofonia, em alguns casos, parece ser ocasionada pela palatalidade de um /i/ vizinho. Em outros, no entanto parece haver também o condicionamento pela vibrante retroflexa /ʁ/ como em [a'çira] 'Alzira'. Em início de palavra, raramente ocorre alofonia entre /z/ e /ç/, como em ['çajʁa] 'Zaira', por exemplo.

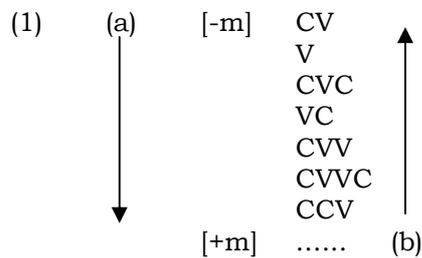
A fricativa velar /x/ do português em geral foi substituída pela vibrante alveolar /ʁ/ no repertório lingüístico do PMB. Contudo, ela apresenta um alofone /ʁ/, como em [sʁte], para 'sorte' e [mo'ʁdida], para 'mordida', que é condicionado pela posição de coda silábica.

No que se refere às semivogais, vale destacar que, do mesmo modo que no português brasileiro em geral, também dependem da posição ocupada na sílaba para definir sua natureza no PMB. Podem ser consideradas tanto consoantes com características vocálicas quanto vogais com características consonantais. Antepostas a vogais, são consideradas consoantes e pospostas a elas são consideradas vogais, conforme comentado neste trabalho, na seção que tratou do português brasileiro em geral.

4. Fonologia CV do português mato-grossense

Os processos fonológicos atuantes no PMB, envolvendo modificações de natureza segmental e/ou silábica, apresentam

acentuada tendência à simplificação, tal qual no português em geral. Simplificação, como o próprio nome sugere, é um processo fonológico que torna menos marcadas [-m] as estruturas de uma determinada língua. Esse processo é motivado pela tendência universal à forma menos marcada, existente nas línguas do mundo:



Na origem, as línguas são simples. Depois é que elas vão se complexificando, como demonstra a seta (a) de (1). Numa situação de contato, entretanto, os falantes, em geral, tendem a seguir caminho contrário ao descrito acima. Eles tendem naturalmente a modificar sílabas complexas até que fiquem iguais ou muito próximas ao modelo simplificado CV, como indica a seta (b) de (1). No caminho da simplificação, portanto, o processo vai sempre do [+m] para o [-m].

Simplificação fonológica, em suma, compreende todo processo rumo ao padrão CV. Esse, segundo Jakobson (1972: 133), é o único padrão silábico verdadeiramente universal. Tanto que a tendência à sílaba CV ou ao padrão [-m] é constante na linguagem infantil de qualquer língua e, também, nas línguas crioulas. No PMB, os processos fonológicos parecem seguir esse caminho. Eles quase sempre tendem à simplificação, indo de [+m] para [-m]. Entre outros, esse é o caso da ditongação e monotongação (1), queda vocálica ou consonantal na estrutura silábica (2), processos que serão analisados na presente seção.

4.1. Ditongação e monotongação

Evitar os ditongos e rejeitar os hiatos é uma tendência geral nas línguas do mundo. Elas evitam a construção de padrões silábicos complexos e priorizam estruturas mais simples, preferencialmente do modelo canônico CV. Abaixo, está a representação do que está sendo dito:

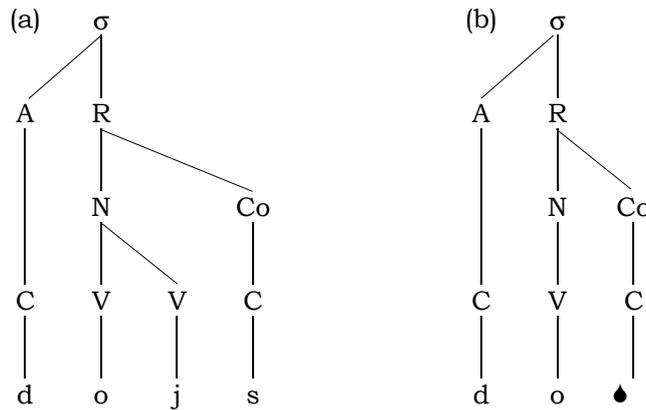
[+m] > [-m]
hiato > ditongo > monotongo

No caminho do [+marcado] para o [-marcado], como descrito em (22), os hiatos são transformados em ditongos e os ditongos em monotongos. No português em geral essa tendência pode ser observada com certa frequência. No PMB, as estratégias nesse sentido compreendem a monotongação de ditongo decrescente oral (1.1), de ditongo decrescente nasal (1.2) e a ditongação de hiato (1.3).

4.1.1. Monotongação de ditongo decrescente oral

No PMB, os ditongos decrescentes orais geralmente são transformados em monotongos, especialmente em posição final de palavra. Nesse contexto, dificilmente, os ditongos do português em geral são monotongados, o que se dá mais na posição medial da palavra, como em [ˈkeʃo] para ‘queijo’. Em (2) estão alguns exemplos do que está sendo dito. A ressilabificação ocorrida na estrutura silábica e vocálica é mostrada pela fonologia CV em (3).

(2) [dojs] > [do♣]
 [dʒiˈmajs] > [deˈma♣]



Em (3) verifica-se a transformação de uma estrutura silábica CVVC em outra CVC. Para chegar a esse nível de simplificação silábica, a estrutura passou por dois processos consecutivos. Primeiramente, o segmento fricativo /s/ assimila a palatalidade de /j/, o que o faz realizar-se como a africada palatal /♣/. Em seguida ou concomitantemente, o segmento /j/ perde sua articulação na sílaba e é desligado da estrutura silábica.

Esse resultado pode ser generalizado a todas as formas CVV+/s/ do PMB. Na variedade carioca, também ocorre o fenômeno descrito. Todavia, o segmento /j/ que antecede a fricativa jamais é desligado. Ao contrário, ocorre a inclusão dele

quando não constante na palavra, como em [‘mej^omo] ‘mesmo’. Além de sugerir a necessidade do /i/ ‘sentida’ pelo falante para conferir palatalidade ao /s/, esse fato indica que o processo no português carioca pode ter parado num estágio anterior ao observado no PMB.

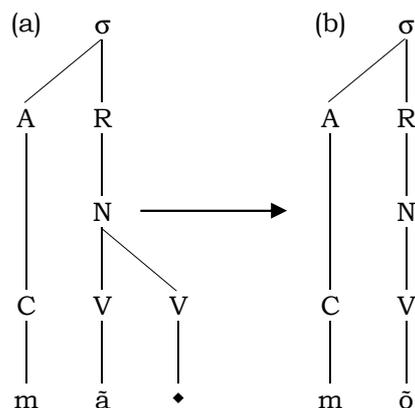
No português em geral, é comum a ocorrência do ditongo decrescente fonético. Mas, nesse caso, a posição de coda da sílaba é ocupada pela fricativa /s/. No PMB, senão rara, ditongação dessa natureza não existe. Há, por exemplo, [tre^o], mas nunca [trejs] para ‘três’. Nesse particular, a variedade mato-grossense não cria, mas prioriza a forma mais próxima ao modelo canônico CV. Para atingir esse objetivo, quase sempre, evita a complicação representada pelo ditongo, optando pelo monotongo.

4.1.2. Monotongação do ditongo decrescente nasal /ãw^o/

O ditongo decrescente nasal /ãw^o/ é evitado a todo custo no PMB, diferentemente de outras variedades do português em geral. Tanto é assim que, nessa variedade, ele sempre se realiza como o monotongo nasal /õ/:

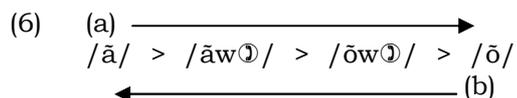
- (4) [mãw^o✱] > [mõ]
 [C^oãw^o] > [Cãw^o✱] > [dCõ]

(5)



Em geral, a mudança descrita em (4) e representada em (5) constitui estratégia bastante produtiva de simplificação silábica e vocabular. Basicamente, tem-se que a sílaba CVV de (5a) é transformada na sílaba CV de (5b). O traço [labial] de /w^①/ se espalha para o ponto-de-V de /ã/, que perde o traço [dorsal]. Assim, /ã/ passa a dispor do traço [labial], além do traço [+aberto 2], transformando-se em /õ/. Depois da assimilação parcial, o segmento /w^①/ tanto pode ser desligado imediatamente da estrutura como ser preservado por algum tempo até cair num momento posterior. A segunda alternativa implicaria a forma /õw^①/ antes de /õ/. Aliás, o ditongo em /õw/ é realizado por alguns falantes mato-grossenses.

A inusitada ditongação de /ã/ em /ãw^①/, como em [ma'ᶯãw^①] para 'manhã' e [bu♦ko'pãw^①] para 'buscopan', bem como suas respectivas variantes ocasionais [ma'ᶯõw] e [bu♦ko'põw], parece sugerir que o processo de monotongação de /ãw^①/ em /õ/ pode estar seguindo a seqüência natural representada pela seta (a) de (6).



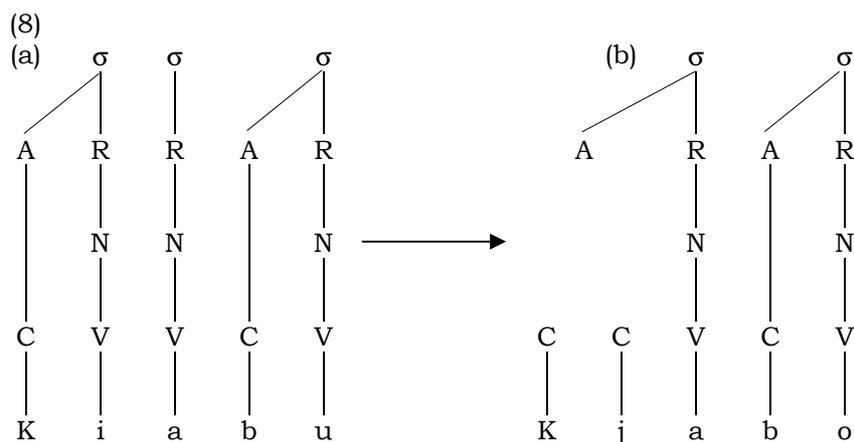
Na direção oposta representada pela seta (b) de (6) pode estar indo a ditongação de /õ/ em /ãw/, que é comum no português em geral como [sãw] para ‘som’ e [bãw] para ‘bom’. Na variedade mato-grossense, tem-se poucos exemplos dessa ocorrência, como em [ma’õãw^①] ‘marrom’. Isso pode ser justificado pela clara preferência pelos monotongos em detrimento dos ditongos no PMB. Aliás, nessa variedade, os extremos das duas setas de (6), que caracterizam monotongo, parecem representar formas-alvo mais simplificadas, depois da complexificação representada pelo ditongo da fase intermediária.

4.1.3. Ditongação de hiato

A tendência de repelir os hiatos, conforme afirmou-se anteriormente, é geral nas línguas do mundo. Os exemplos dados em (7) e a representação silábica feita em (8a) e em (8b), abaixo, atestam esse fato também no PMB.

(7) [ki’abu] > [’kjabo] [lu’iza] > [’lwiza]
 [tõovo’ada] > [tõi’vwada] [’ikoti’a] > [tõiko’tja]

Em (8a) existem três sílabas terminadas em rima simples. Entre a vogal da primeira sílaba e a vogal da segunda está caracterizado o hiato. Daí, sobrevém a modificação que transforma essas duas primeiras sílabas de (8a) na primeira sílaba de (8b). O aclave da primeira sílaba de (8a) passou a ser ramificado em (8b) e a vogal da segunda sílaba de (8a) passou a ser núcleo da primeira sílaba de (8b).



É preciso ressaltar que (8a) é a representação subjacente da palavra 'quiabo' e que (8b) resulta da aplicação de regras fonológicas. Logo, (8b) é mais fonética que fonológica. Dessa forma, é registrado um hiato na estrutura subjacente e realizado um ditongo crescente na estrutura superficial. Todavia, conforme visto na seção dedicada à fonologia do português em geral, a natureza consonantal da semivogal acaba por transformar esse ditongo em uma sílaba (C)CV. Talvez por isso mesmo a gramática tradicional faça referência ao termo 'semiconsoante'.

A ressilabificação ocorrida em (8) sugere ser mais simples e natural a língua passar a ter uma estrutura dissilábica a manter uma trissilábica. Não obstante, a língua parece prever que, posteriormente, uma dessas consoantes da sílaba CCV de (24b) pode cair ou assimilar o ponto da outra, de modo a formar um segmento complexo. Para a forma [ˈkjabo] do PMB, por exemplo, é bem provável a ocorrência de [ˈkʰabo]. Qualquer que seja a alternativa rumo à simplificação, a estrutura silábica CV será favorecida.

A ditongação de hiato é também comum na variedade sulista. Aliás, na região sul do país é muito freqüente palavras,

como [pi'a] e [pi'ãw], realizem-se quase como [pⁱa] e [pⁱãw]. A diferença entre esta e a variedade mato-grossense, é que nesta última a pronúncia pode variar bastante. Palavras como 'trovoada', por exemplo, tanto podem ser pronunciadas [tʃi'vwada] quanto [tʃivu'a:da]. Nesse último caso, há o aspecto da tonicidade (Souza, 1999: 133-134) a ser tratado mais detidamente num trabalho que está sendo organizado.

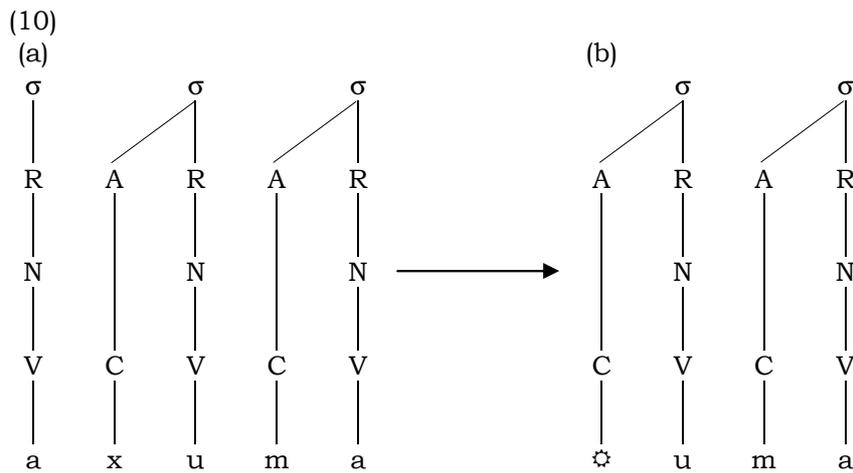
4.2. Queda vocálica ou consonantal na estrutura silábica

A queda de segmentos vocálicos e consonantais na estrutura silábica é processo recorrente nas línguas do mundo. Isso se dá em decorrência da busca da "minimal word" ou "optimal word"- palavra ótima, aquela que apresenta estrutura silábica CVCV- e representa uma tendência quase universal de simplificação vocabular. Nessa parte do trabalho serão apresentados e analisados os processos dessa natureza: aférese (2.1), síncope (2.2) e apócope (2.3).

4.2.1. Aférese

A aférese é processo de alta frequência nas variedades do português em geral. Em (9) figuram exemplos desse fenômeno também no PMB. O primeiro deles é representado em (10) pela fonologia CV.

(9) [axu'ma] > [ʃu'ma]
[agweŋ'ta] > [gweŋ'ta]



A representação de (10) mostra que de uma estrutura vocábular V.CV.CV houve a modificação para simplesmente CV.CV. A primeira sílaba de (10a), que era constituída apenas de núcleo formado por /a/, desaparece em (10b) por não ter o apoio de um C inicial. O resultado dessa queda é uma palavra ótima formada por duas sílabas CV, como prevê certo objetivo da simplificação, que é a criação de sílabas CV.

4.2.2. Síncopa

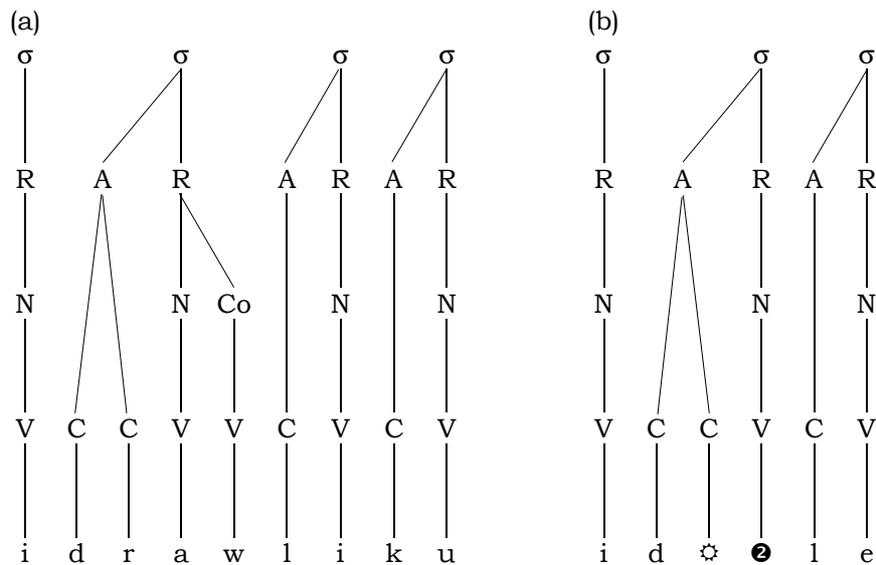
Rumo à sílaba e à palavra ótimas, o português em geral recorre também à síncopa. No PMB, esse é um processo comum que pode ser ilustrado pelos exemplos de (11) e representado pelo modelo da fonologia CV constante em (12).

- (11) ['axvori] > ['a[∞]v[∞]e] > ['a[∞]ve]
 [a[∞]b[∞]bora] > [a[∞]b[∞]b[∞]a]

de (14a) e de (14b), na página seguinte, mostra a ressilabificação ocasionada pela apócope na palavra 'hidráulico'.

(13) [i'drawliku] > [idr^ole]
 [le'Çitimu] > [le'dÇite]

A ressilabificação da estrutura V.CCVV'.CV.CV de (14a) para a estrutura V.CCV.CV de (14b) evita algumas complexidades, como o ditongo decrescente, a proparoxítona e o pentassílabo. Primeiramente, para a transformação de [idrawliku] em [idr^ole], tem-se que no lugar do ditongo /aw/ de (14a) existe o monotongo /^o/ em (14b). Essa simplificação foi possível graças a processo assimilatório, como se verá adiante.



Na transformação do ditongo decrescente oral /aw/ no monotongo /**ɔ̃**/, o primeiro passo é da assimilação, do traço [labial] de /w/ pelo segmento /a/. Esse traço, somado aos traços de abertura [+ab.2] e [+ab.3], faz com que a vogal central baixa /a/ passe a se comportar como a aberta /**ɔ̃**/. Nesse processo, o desligamento do segmento /w/ no nó de raiz é o passo seguinte. Outra possibilidade seria a permanência do segmento /w/ na estrutura por mais algum tempo. Depois, esse segmento cairia da estrutura silábica. Desse modo, haveria forma intermediária [**ɔ̃**w] em [idr**ɔ̃**wle], antes de se chegar à forma [idr**ɔ̃**le].

Na última etapa da simplificação, a apócope encarrega-se de desligar a sílaba final /-ku/ de [idr**ɔ̃**liku], restando somente a forma [idr**ɔ̃**li]. Como no PMB há restrição de superfície para as formas terminadas em vogais altas, o /i/ é substituído por /e/ na etapa final do processo simplificador. Enfim, as ressilabificações operadas pela apócope no português mato-grossense, assim como aquelas realizadas pela aférese e pela síncope, são bastante

produtivas no português em geral, apontando sempre para o [-marcado] naquela variedade e nesta língua.

5. Considerações finais

Finaliza-se este trabalho reiterando a peculiaridade da fonologia do PMB, pelo modo diferenciado com que essa variedade (re)organiza segmentos e sílabas do português brasileiro em geral. Procurou-se, por intermédio das representações da Fonologia CV, demonstrar que não apenas sons, mas também processos fonológicos do PB são sistematizados no PMB de maneira a acompanhar ainda mais a tendência universal à simplificação presente nas línguas do mundo. Adianta-se, nessas breves considerações, que essa particularidade da variedade mato-grossense permite inseri-la naturalmente na questão da (não) crioulização do português no Brasil, tema da dissertação na qual foi baseado o presente artigo.

6. Bibliografia

- BISOL, Leda (org.). *Introdução a estudos de fonologia do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Fonologia do português. p.1-116. Julho-Dezembro, 1992.
- CÂMARA Jr., Mattoso. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. da Org. Simões, 1953.
- CHOMSKY, N. & Morris Halle. *The sound pattern of English*. N. York: Harper & Row, 1968.
- CLEMENTS, G. N. & HUME, Elizabeth V. The internal organization of speech sounds. In Goldsmith (org.). *The Handbook of Phonological Theory*. Oxford: Blackwell: 1-81, 1993.

- _____ & KEYSER, S. J. *CV Phonology. A Generative Theory of the Syllable*. Cambridge: The M.I.T. Press, 1983.
- COLLISCHONN, Gisela. A sílaba em Português. In *Introdução a estudos de fonologia do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- COUTO, Hildo H. do. *Fonologia e Fonologia do Português*. Brasília: Thesaurus, 1997.
- _____. *Contato interlingüístico: da interação à gramática*. Departamento de Lingüística. Universidade de Brasília, 1999.
- CRYSTAL, David. *Dicionário de Lingüística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- GOLDSMITH, Jonh A. *Autosegmental phonology*. Tese de doutorado, MIT, 1976.
- _____. *Autosegmental e Metrical Phonology*. Massachusetts: Cambridge Center, 1990.
- GUY, Gregory R. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese; aspects of the phonology, syntax and language history*. Pennsylvania: University of Pennsylvania, 1981.
- HALL Jr., Robert A. The unit phonemes of Brazilian Portuguese. *Studies in linguistics* 1, 15.106, 1943.
- JAKOBSON, R. *Fonema e Fonologia* (trad. Mattoso Câmara Júnior). Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica. vol. Ll, 1972.
- KAHN, D. *Syllable- based generalizations in English Phonology*. Tese de doutorado. Cambridge: Mass: MIT, 1976.

KENSTOWICZ, Michael. *Phonology in generative grammar*. Cambridge: Massachusetts, 1994.

KURYLOWICZ, J. Contribution à la theorie de la syllabe. *BPTJ* 8.80-114, 1948

PALMA, Maria Luíza Canavarros. *Varição Fonológica de Mato Grosso: um estudo sociolinguístico*. Cuiabá: EdUFMT, 1984.

SCHANE, Sanford A. *Fonologia Gerativa* (trad. Rocha, Alzira S. et alii). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

SOUZA, Ulisdete R. *Fonologia do português mato-grossense: uma perspectiva criolística*. Dissertação de mestrado. Brasília, DF: Universidade de Brasília (UnB), 1999.